



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E OS DESAFIOS NA CONTEMPORANEIDADE: QUESTÕES SILENCIADAS

Maria Girlene Callado Da Silva¹, Jaciana de Holanda Silva², Maria de Fátima Rodrigues Duarte³

¹Universidade Federal de Pernambuco– UFPE /CAA, E-mail: girlenecallado@hotmail.com

²Universidade Federal de Pernambuco– UFPE/CAA, E-mail: jacianaholanda@hotmail.com

³Universidade Federal de Pernambuco–UFPE/ CAA, E-mail: faatima_09@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada na feira de artesanato na cidade de Caruaru –PE, que procurou I) compreender as concepções das relações étnico raciais presentes nas imagens e objetos vendidos na feira. II) Identificar nas imagens e objetos fotografados a compreensão das relações étnico raciais. III) Analisar os diferentes lugares ocupados pelo negro/a na sociedade. Como parte de uma pesquisa realizada a partir das inquietações realizada durante as discussões na disciplina curricular ofertada como eletiva: tópicos especiais em educação - racismo e educação para as relações étnico-raciais, no curso de pedagogia da UFPE –CAA, de metodologia qualitativa do tipo etnográfico trataremos neste texto uma discussão sobre a erotização do/a negro/ e as relações do patriarcado em nossa sociedade, problematizando alguns impactos sobre essas questões e por fim apresentaremos nossas considerações com destaques ao que de fato a pesquisa nos revelou.

Palavras chave: Decolonização, relações étnico-raciais, silenciamentos,

Introdução:

O presente trabalho versa reflexões acerca dos estudos realizados durante as discussões na disciplina curricular ofertada como eletiva: tópicos especiais em educação - racismo e educação para as relações étnico-raciais, no curso de pedagogia da UFPE –CAA¹. O interesse pelo tema parte das inquietações que surgiram no decorrer da disciplina em que percebemos que estas discussões são silenciadas no meio social, mas que são relevantes no processo de formação docente.

¹ Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para tanto o nosso trabalho propõe-se A) Compreender as concepções das relações étnico raciais presentes nas imagens e objetos vendidos na feira de Caruaru- PE. B) Identificar nas imagens e objetos fotografados a compreensão das relações étnico raciais. C) Analisar os diferentes lugares ocupados pelo negro/a na sociedade.

Nesse contexto, o diálogo proposto sobre a nossa discussão se constitui sob o aporte teórico de autores como: Angrosino (2009), Carneiro (2005), Ferreira e Silva (2013), Gomes (2005), Ludke (1986), Quijano (2005) que nos subsidiarão no decorrer dos escritos.

As relações características de um patriarcado colonizado pelos portugueses, típicas da nossa sociedade brasileira, nos faz refletir que ainda vivemos cercados de preconceitos, racismos e discriminações o que impedem de o negro tomar posse do espaço que por muito tempo já deveria ter ocupado.

Por essas razões buscamos compreender e trazer várias reflexões sobre o/a negro/a, pautados a partir dos estudos qualitativo do tipo etnográficos, onde aprofundaremos tais discursões num estudo detalhado para mostrar que por trás do que muitos pensam serem pequenos objetos ou simples imagens, há um preconceito que reforça a lógica opressora e colonizadora desses sujeitos em nossa sociedade.

Nesse viés, o nosso texto está organizado de forma que o leitor compreenda e reflita a luz de teóricos o que de fato as imagens e objetos vendidos na feira retratam, é preciso não perder de vista que as abordagens são desafiadoras, por isso é necessário ter um olhar crítico sobre o que está sendo visto para não continuarmos fortalecendo o mito da Democracia Racial².

Nesse seguimento o artigo está organizado em sub tópicos que irão discorrer sobre os seguintes pontos: no primeiro momento apresentaremos os procedimentos metodológicos dessa pesquisa, no segundo momento será apresentada uma breve discursão sobre erotização do negro/a presente nas imagens vendidas nas feiras, no terceiro momento trataremos uma reflexão sobre a forte influência ainda presente do patriarcado, por último, apresentamos o

² O mito da democracia racial pode ser compreendido, então, como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento (GOMES, 2005 p.57)



resultado dessas reflexões com destaques para nossas considerações finais e por fim o referencial teórico que nos subsidiaram no decorrer dos escritos.

Procedimentos metodológicos

Para o alcance de nossos objetivos empregamos uma abordagem qualitativa do tipo etnográfico. Abordagem qualitativa por sua vez enfatiza a necessidade de se penetrar no universo conceitual dos sujeitos, esta valoriza o processo interativo entre sujeitos e objeto. Essa abordagem como sinaliza Ludke, “tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (1986, p.11). Nesse sentido esta perspectiva, nos mostra como um fenômeno pode ser mais bem compreendido no contexto em que ocorre e do qual faz parte.

Com isso a etnografia se enquadra nesta abordagem, a mesma busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao contexto e a cultura que estão inseridos, dessa forma a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto o qual está sendo estudado. Nessa linha de raciocínio Angrosino destaca que:

[...] etnografia também é um produto de pesquisa. É uma narrativa sobre a comunidade em estudo que evoca a experiência vivida daquela comunidade e que convida o leitor para um vicário encontro com as pessoas [...]. (2009, p. 34).

Para a realização e desenvolvimento dessa pesquisa, utilizamos como campo empírico a feira de artesanato que fica localizada na cidade de Caruaru- PE. Escolhemos este local primeiro por ser a proposta sugerida pelos professores da disciplina, em que acreditavam que iríamos encontrar nos diversos objetos e imagens características que se aproximassem da discussão, depois por ser um ponto turístico muito conhecido da cidade onde passam milhares de pessoas por dia, e muitas vezes não se dão conta do que estão a olha

Resultados e discussões



A imagem erotizada do negro/a.

A pesquisa realizada na feira de Caruaru-PE nasceu, como requisito da disciplina, em que consistia em fotografar imagens de negros/as na feira, nos permitiu vivência e o contato direto com uma realidade que é silenciada, onde ainda é muito forte a presença da herança colonial³.

Em meio às discussões propostas em sala de aula e através das análises das imagens foi perceptível a subalternização da figura da mulher negra, que é claramente exposta de maneira erotizada como se fosse a mulher negra estivesse pré-disposta ao sexo, como podemos observar na FIGURA 1, em que a mulher negra aparece com os seios a mostra, quadris largos, sem pudor algum, Também essas características são bem perceptíveis na FIGURA 2, em a mulher negra aparece com lábios carnudos e seios a mostra, e nessa mesma imagem podemos fazer um comparativo, em que podemos perceber que quando a cor da mulher vai clareando ela fica mais vestida, quanto mais negra a mulher for mais despida ela será.



FIGURA 1



FIGURA 2

Com isso a negação da identidade negra, é discutida por Gomes que diz que:

construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio

³ A herança colonial é o que herdamos do processo civilizador constituído no âmbito da modernidade. (FERREIRA;SILVA, 2013,p.26)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as) (2005 p. 43)

Percebemos a ausência de discussões que colaborem para uma reflexão da construção de uma identidade negra positiva, em uma sociedade que adota discursos e posturas preconceituosas, que são naturalizadas, e se afirmam no cotidiano. A exposição do corpo da mulher negra é feita de forma muito frequente e pejorativa, e nessas imagens são colocadas uma carga de características como cabelos crespos e armados, que são considerados ruins, como também partes íntimas do corpo da mulher que são colocadas à mostra como seus seios, glúteos, órgãos sexuais, e que aparecem de forma avantajada e bem definida para que sejam bem evidentes, e tudo isso é imposto por uma sociedade hegemônica. Sendo assim

não podemos negar que, na construção das sociedades, na forma como negros e brancos são vistos e tratados no Brasil, a *raça* tem uma operacionalidade na cultura e na vida social. Se ela não tivesse esses pesos, as particularidades e características físicas não seriam usadas por nós, para identificar quem é negro e quem é branco no Brasil. (GOMES, 2005, p.48)

A imagem da mulher negra é apresentada de forma pervertida em que a mulher é vista como um objeto sexual, como pode ser visto na FIGURA 3, em que a mulher negra aparece em posição sexual, e isso não acontece apenas com a mulher negra, mas também com o homem negro, como é retratada na FIGURA 4, em que órgão sexual masculino aparece de forma bastante avantajada, sendo desproporcional para o seu tamanho. Isso acontece como uma forma da sociedade alimentar uma visão estereotipada do homem negro, que ele tem o órgão sexual maior do que os outros homens, que ele é bom de cama. E essa visão acerca da imagem do negro é cada vez mais reforçada.



FIGURA 3



FIGURA 4



As relações do Patriarcado e as mulheres negras.

As preocupações sistemáticas sobre as relações étnico-raciais são recentes, e perpassam por diversos assuntos entre eles o patriarcado negro que ainda continua servindo a uma herança colonial dolorosa, que coloca a mulher em uma condição submissa a de seu parceiro.

Sob esse aspecto vale salientar que vivemos em uma sociedade que na maioria das vezes enxerga a si mesma como portadora das igualdades, seja ela de gênero, condição racial ou mesmo social. Porém uma das questões essenciais a ser lembrada, quando falamos em igualdade de gênero é o fato de a mulher quase sempre ser colocada em uma posição submissa seja ela como: a rainha do lar, como mãe solteira e daquela que existe para saciar a vontade do homem com relação ao sexo.

Nesse sentido as imagens analisadas em nossa pesquisa contribuíram para entender que esses conceitos ainda se revelam de maneira forte como podemos perceber nas FIGURAS 5 e 6:



FIGURA 5



FIGURA 6

A situação fica ainda mais delicada quando as imagens são de negras representadas como a rainha do lar aquela que faz tudo para seu marido, que tem que ser escravas desses,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

cuidar da casa dos filhos e ainda esta disposta satisfazer-lhes as necessidades sexuais. Na figura 7 notamos alguns estereótipos dessas características:



FIGURA 7

Acreditamos que isso se dá, sobretudo porque, quando se trata das condições de gênero de mulheres negras, a realidade é completamente perversa, ao ponto de presenciarmos cenas desagradáveis de exploração e preconceito com as mesmas, isso pode ser notado facilmente por meio da mídia ou mesmo no nosso dia- a dia. Não podemos negar que nosso país é um país muito preconceituoso, as práticas vividas nos revelam essa dolorosa realidade, para isso é preciso refletir o que Gomes 2005 pontua:

quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo entre nós, mais o racismo existente no Brasil vai se propagando e invadindo as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros. O abismo racial entre negros e brancos no Brasil existe de fato (p. 47)

As desigualdades de gênero existem e por isso se faz necessário tais reflexões para que as mulheres não continuem pensando que só elas têm que cuidar de uma casa ou de um filho é necessário que a igualdade nas condições dentro e fora do lar seja igual tanto para homens como para mulheres, precisamos romper com o mito que cerca as mulheres o mito da rainha do lar, essas na verdade não foram e nem são tratadas como rainha nesse sentido Carneiro traz:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

quando falamos em romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: “Exige-se boa aparência” (2005, p. 1).

No pensamento intelectual brasileiro, a pluralidade ou a diversidade racial e cultural, são filhas do processo de colonização, por este motivo essa forte influencia do patriarcado continua existindo como um obstáculo no caminho da construção de uma nação que precisa reconhecer mulheres e homens como seres de direitos iguais. Por esses apontamentos se faz necessário refletir sempre sobre o que esta a nossa volta e principalmente nos objetos e imagens vendidos em feiras.

A pesquisa evidenciou que muitos dos objetos e imagens deturpam a imagem da pessoa negra e as pessoas não estão percebendo essa triste realidade quanto mais pele escura mais as características fogem da realidade, isso nos faz refletir que precisamos continuar essas discursões para que em algum momento as pessoas tenham consciência do que estão vivenciando.

Considerações finais.

Pautado numa pesquisa qualitativa do tipo etnográfico que teve por objetivo Compreender as concepções das relações étnicos raciais presentes nas imagens e objetos vendidos na feira de Caruaru- PE. Os estudos revelam que é fundamental, no processo de apropriação do conhecimento sobre as relações étnico-raciais buscar aprofundar e compreender, ainda que com muitos limites os conceitos e a visão estereotipada sobre o/a negro/a em nossa sociedade, com relação a muitas questões que por vezes são silenciadas e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

reforçam o que já pontuamos no início do nosso artigo sobre o mito da democracia racial, que acaba por reforçar a lógica de que esta tudo muito bom e agradável e que não existem preconceitos e discriminações.

Os dados apontam que apesar de muitas serem as discursões e debates sobre a esta temática, ainda a muito que ser feito para quebrar de vez com esse modo de mostrar a pessoa negra como um ser inferior. As imagens e objetos analisados na feira de artesanato foi para nós um desafio que nos inquietaram ainda mais no sentido de querer aprofundamentos outros sobre o assunto, pois muitos deles ainda estão cercados com a lógica opressora.

A Educação das Relações Étnico-Raciais é um direito que procura um espaço por isso é urgente que os processos de formação reencontrem em suas discussões a interação entre as diferentes culturas e identidades. Essa é uma construção de uma cosmovisão que contemple políticas públicas de afirmação, ações de reconhecimento, valorização de identidade, cultura negra, contribuindo para que sejam eliminadas ideologias discriminatórias e estereótipos racistas.

Referências

ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. São Paulo, n.8. 2005.

FERREIRA, M. G. ; SILVA, J. F. . **Perspectiva Pós-Colonial das Relações Étnico-Raciais nas Práticas Curriculares: conteúdos selecionados e silenciados**. Teias (Rio de Janeiro. Impresso), v. 14, , 2013, p.26.

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre Relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.



LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP. EPU, 1986.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In. Edgardo Lander (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.